LIKASTÍA IV

Rubi A. Elhalyn

DEDICATÓRIA

Para Aline ‘Fell’ que ama as fofocas sobre a vida dos meus bebês felinos tanto quanto amo escrever.

😘

ÍNDICE

Capítulo 01 4
Capítulo 02 11
Capítulo 03 18
Capítulo 04 26
Capítulo 05 35
Capítulo 06 44
Capítulo 07 54
Capítulo 08 61
Capítulo 09 69
Capítulo 10 77
Capítulo 11 90
Capítulo 12 100
Capítulo 13 111
Capítulo 14 120
Capítulo 15 133
Capítulo 16 143
Capítulo 17 151
Premiando a Lealdade e a generosidade 163
Bônus da Autora 172

CAPÍTULO 01

Faz muito tempo, muito mesmo, os felinos de Likastía eram apenas um projeto teórico na minha cabeça... Nessa época eu tinha um ajudante, porém, havia algo de errado. Eu percebi cedo, mas cometi um erro: dei uma chance.

~o ☆ o~

- Vovô! – Aine correu com suas perninhas curtas e agarrou as pernas de Sven, quase o derrubando.

- Lindinha! Querida, não me chama de vovô. Fica parecendo que sou velho. – Sven disse e Hieron e Sunny sorriram.

- Mas, vovô, o senhor é velho. – Aine, em toda a sua sinceridade infantil disse.

- HAHAHAHAHAHAHAHA! – Sunny gargalhou enquanto Hieron abanava ela que parecia sufocar de tanto rir.

Aine olhou sem entender nada, enquanto Sven a pegava no colo.

- Eu não sou velho, lindinha. Eu sou experiente. – Sven disse.

- Aaaah... Não entindi, vovô. – Ela fez uma carinha fofa e confusa.

- Papai... – Maia chamou Hieron.

- Oi, amorzinho do papai. – Hieron pegou a filha, três anos mais nova do que Aine, no colo. – Gaa pegou meu desenho de papatinho.

- Maia! - Aine gritou do colo de Sven, dando pulinhos. – Vovô Sven não é velho?

Maia olhou, virou a cabecinha de lado, colocou uma mecha do cabelo laranja escuro atrás da orelha pensativa, arreganhou os braços e disse: - Velho assim, ó! Beeeeem gandão de velho!

Sunny não aguentou e chegou a ficar sem fôlego rindo.

- Grande Kallisti! – Sven quase gritou a ver a filha vindo correndo com a carinha toda riscada de vermelho.

- Gaaaa! – Maia gritou, se debateu até o pai soltá-la no chão, correu e abraçou a irmã, um ano mais velha. – Qué brinca comigo?

- Gaia, meu amor, o que é isso? – Sven chegou perto.

- Linda da tia, de quem você pegou esse batom. – Sunny limpou as lágrima de riso e se aproximou da garota que dava todos os indícios de que seria nível de sutileza à la Sunny.

Gaia mexeu na bainha do vestido, sem graça. – Tava na mesinha rosa da titia...

- Gaia! Não mexa nas coisas dos outros! Isso é feio! – Sven reclamou.

Maia e Aine ficaram imediatamente de cada lado de Gaia, protetoramente.

- Num bíga com a Gaa! Ela só quelia usa o batom da titia! – Maia fez uma cara de brava que era quase cômica.

- Calma, Sven. – Sunny agachou na frente de Gaia, tentando não rir do ridículo que estava a cara da menina. – Gaia, lindinha, não chora. Seu pai tem razão. Não é legal mexer nas coisas dos outros sem pedir antes.

- Diculpa, tia. – Gaia começou a fungar, com os olhinhos cheios de lágrimas.

- Você promete não fazer mais isso? – Sven perguntou, mais controlado.

- Eu pométe, papai. – Gaia disse quase como um juramento.

- Então, vem com a tia. Vamos limpar seu rosto pra você brincar com suas amigas. E prometo que vou te ensinar como usar batom e, quando você tiver idade, vou te dar seu primeiro batom. – Sunny pegou Gaia pela mão.

- Memelho? – Gaia perguntou.

- Vermelho. Promessa da tia.

- Vem, Maia. Vamo arrumar o milante no jardim pra gente brinca de chazinho chique. – Aine puxou Maia pela mão.

- Oba, chazinho. – Hieron sorriu, dando um tapinha no ombro de Sven.

Aine e Maia pararam, cruzaram os braços e olharam bem sérias.

- Não, vovô! Você não pode toma chazinho! – Aine disse.

- É! Você é me-ni-no! Menino não entla no milante das me-ni-nas! – Maia se virou, jogando os cabelos curtos para trás.

- É, amigo. A gente não tem mais nem permissão para beber chá com os jovens. Ninguém respeita mais os velhos. – Hieron brincou, já esperando a resposta.

- Só se for você. Eu não sou velho. Sou experiente. – Sven começou a rir, e logo tossiu porque ne.... Velho não pode rir que a tosse logo se manifesta.

~o ☆ o~

- Aine, não esqueça de tomar bastante água. Ah e leve a escova de calcanhar. E não fique comendo besteiras. Ah e...

- Mãe! – Aine riu. – Eu vou para a casa da minha amiga do outro lado do pátio. Relaxa.

- Ane, amor, Aine não é mais uma criança faz tempo, querida. – Calíope se sentou devagar.

- Eu sei, mas...

- Pronta? – Scylla perguntou da porta.

- Sim, tia. – Aine deu um beijo no rosto da mãe e outro no da avó e saiu com Scylla. – Como ela está?

- Triste, mas sua presença vai ajudar.

Aine parou na frente de Scylla que ergueu uma sobrancelha. – E a senhora? Como a senhora está?

- Querida, você é maravilhosa. – Scylla nem sabia porque ainda se surpreendia com essas atitudes. – Estou bem, minha linda. Amei Sven tanto quanto amei Hieron. Infelizmente, na minha idade, a gente meio que se prepara para encarar o chamado de Kallisti para o outro mundo.

- Eu sei, mas...perder o vô Sven e o vô Hieron em tão curto tempo não deve ser fácil.

- Não é. Mas eu me preocupo mais com o coração das minhas filhotas agora.

~o ☆ o~

- Eu não entendo como ela pode ficar tão calma, Celi! – Maia comentou com sua serva que, pacientemente, escovava seus cabelos até brilharem. – Tio Sven era muito legal. Aí o avô dela morre e ela nem fica depressiva?

- Sim, senhorita. – Celi disse no automático.

- Quer dizer, Gaia está lá sofrendo daquele jeito. Meio exagerado, é verdade. Mas pelo menos é mais normal. Eu sinto a perda do tio Sven também, ele era como um segundo pai pra mim. A gente nem se recuperou da morte do meu pai direito.... Mas, sabe... Era pra ela ficar mal, acabada, e tal. Mas tinha que ser a perfeitinha de sempre.

- Sim, senhorita. – Celi disse, fez três tranças finas na lateral esquerda do cabelo, deixando o resto solto. – Está pronto, senhorita.

- Muito bom, Celi. Obrigada. – Maia levantou, verificou sua roupa para que não tivesse nada fora do lugar, pegou seu caderno de desenhos e saiu com Celi um pouco atrás. – Eu acho, Celi, que tudo aquilo é só aparência. Ninguém sorri tanto assim... Amiga! – Maia mudou logo sua fala ao ver Aine e Scylla entrar. O olhar de Scylla irritado, no entanto, deixou bem claro que ela tinha captado mais uma vez os pensamentos de Maia. Aine deu um abraço forte na amiga que logo teve seu olhar atraído para as garras de Aine, bem pintadas de azul. – Lindo esmalte.

Scylla apertou os dentes para não começar um sermão de novo.

- Obrigada. Como você está, amiga? – Aine perguntou.

- Sabe como é... Não posso ficar chorando pelos cantos. – O tom ácido disfarçado de Maia atraiu um olhar assassino de sua mãe.

- Celi, leve Aine para ver Gaia, por favor. Maia precisa de algum tempo sozinha. – Scylla disse, desafiando a filha a contestar sua ordem.

- Sim, senhora. – Celi saiu com Aine depois que esta última deu um beijo no rosto da amiga.

- Mãe, eu...

- Agora não, Maia. Agora não. – Scylla saiu temendo descontar na filha a dor do luto. Mais tarde ela lidaria com os sentimentos perigosos da moça.

~o ☆ o~

- Lesath, você vai lá? – Lucius perguntou.

- Não. Infelizmente, tenho uma tropa nova para treinar. Lich disse que ia. – Lesath respondeu.

- Vou mandar um convite. – Lucius passou um documento para ele dar sua assinatura.

- Não sei se ela vem. Calíope está com um pé na morte também.

- Les! – Lucius ficou bravo.

- O que? É a verdade.

- Você é pior que a mãe. – Lucius reclamou.

- Que feio. Falando mal da mamãe pelas costas. – Sunny brincou.

Os dois rapazes se levantaram em respeito à Rainha leonina. Lucius puxou a cadeira para a mãe sentar e Lesath serviu uma caneca enorme de suco morno, do jeito que ela gostava. Desde que os trigêmeos começaram com esse ritual matinal tão naturalmente, ainda na infância, ela não conseguia evitar de lembrar sua antiga vida na casa onde fora tratada como escrava e coisas piores. Quando ela comentou isso com Alart, tudo que ele pôde fazer foi abraça-la e encher sua esposa de carinho, tentando aliviar o trauma dela e a culpa que ele sempre sentiu pela primeira vez em que estiveram juntos.

- Eu só estava falando da falta de sutileza dele. – Lucius olhou feio para o irmão e estendeu um guardanapo de tecido no colo da mãe.

- Desta vez ele tem razão. – Lich disse, saindo de um canto mais escuro, perto de uma cortina.

- AAAAH! – Lesath, Lucius e Sunny gritaram de susto. Algo tão comum que os guardas e Alart nem se abalavam mais.

- Meu filho, ainda vou ter um troço com esses seus passos silenciosos. – Sunny esticou a mão.

Lich se aproximou sem emitir nenhum ruído, pegou a mão dela e deu um beijo. – Desculpa, mãe.

- Tudo bem, meu bebê. Eu sei que é natural pra você.

- Já que você obviamente ouviu, - Lucius se sentou com cara feia – você vai?

- Sim. Darei seu recado. – Lich se sentou e pegou uma única fruta pequena.

- Eu queria muito ir... – Lesath reclamou.

- Você tem uma tropa para cuidar, filho. – Sunny disse, sem olhar para ele.

- Eu poderia ir. Afinal, um convite meu seria mais oficial e... – Lucius começou.

- Você tem que governar, querido. – Sunny disse enquanto mordia um doce.

- Meninos, amor. – Alart apareceu, beijou a esposa e se sentou ao lado dela como sempre. – Lich irá. – Ele decretou, nem precisando perguntar para saber do que eles falavam. Os tri, como os irmãos eram conhecidos, só falavam nisso desde a morte de Sven a alguns dias.

- Sim, pai. – Lich respondeu e se levantou para sair.

- Ei, mocinho. Pode sentar aí e comer direito. – Sunny não tinha olhado ele comer em nenhum momento, mas não precisava. Lich sempre comera tão pouco que ela passou a vida toda temendo que seu caçula morresse de anemia a qualquer segundo. Ilogicamente, Lich sempre fora muito forte, extremamente musculoso.

- Mãe, não est... – Lich começou.

- Você nunca está com fome. Senta aí e come direito! Quer matar sua mãe de preocupação? – Sunny fez o drama que aprendera desde cedo o poder que tinha sobre os irmãos.

Lich sentou, sentindo-se culpado e recebendo um olhar chateado dos irmãos por terem feito sua mãe se preocupar. Alart direcionou um olhar cúmplice para Sunny e sorriu.

- Pai, tenho uma reunião com o conselho amanhã, mas... – Lucius disse.

- Não vou assumir para você ir treinar, filho. Você será coroado em poucas semanas. Isso é sua responsabilidade agora. – Alart disse, sem brecha para discussões. – Ah, os três precisam passar pela avaliação dos magos, principalmente você, Lich.

- Mas de novo...? – Lesath, o menos paciente com magias, perguntou.

- Sim, de novo. Trigêmeos é muito incomum, filho. Os magos precisam acompanhar vocês para documentar o progresso de suas magias e se o nascimento triplo não interfere em nada nelas... – Sunny comentou.

- Eu sei, mãe. É só que... Isso é muito chato. – Lesath disse.

- É para um bem maior. – Lich disse, se forçando a comer.

- Eu acho relaxante. – Lucius comentou.

- Chato. – Lesath resmungou. – Prefiro ficar aqui com essa linda rainha maravilhosa. – Ele piscou para a mãe, com seu melhor modo sedutor.

- Ei! – Alart disse. – Eu a vi primeiro!

Lesath jogou um pedaço de bolo no pai. – Escolha seu bolo e vamos duelar por essa bela dama!

- Você vai se arrepender de tentar pegar minha bela dama, garoto. – Alart pegou um pedaço de bolo e se preparou.

- Meninos... – Sunny riu.

- Mãe. – Lich se materializou agachado ao lado dela, uma névoa densa e negra se firmando na forma de um leonino alaranjado.

- Oi, meu bebê sorrateiro. – Sunny fez um carinho na cabeça do filho enquanto Alart e Lesath jogavam bolo um no outro como se estivessem em uma guerra e Lucius ficava colocando lenha na fogueira, torcendo ora para um, ora para o outro.

- Obrigado por ontem. Eu...não conseguia mais aguentar.

- Eu sei, amor. Mas saiba que você sempre pode falar comigo e com seu pai. É para isso que estamos aqui. Você não precisa e não deve carregar tudo sozinho aqui. – Ela apontou para o coração dele. - Acredite, eu sei como é se sentir sozinho e isso, meu filhote, é o pior dos venenos.

~o ☆ o~

Os olhos de Gaia ainda estavam inchados e ela havia emagrecido bastante nos últimos dias. Sentada com a agulha no tecido, não prestando atenção em nada, sua mente aérea. Sua mãe falava com sua irmã a alguma distância, brigando com ela como vinha acontecendo frequentemente. Mas Gaia não ouvia nada, focada demais em si mesma, tentando seguir os conselhos de Aine para sair daquele poço de tristeza no qual ela mergulhara.

- Você vai sim! E não quero ouvir mais, Maia! Você pediu ajuda. Bem, estou ajudando. Uma temporada no templo, longe de tudo, vai te ajudar a aprender a se controlar, se dominar.

- Mãe, o baile da duquesa é daqui a dias! Eu não posso deixar de estar perfeita! E se eu ficar trancada num templo, como vou tratar meus pelos, minhas garras, m...

- Maia! Você é vaidosa, não fútil. Muito menos burra. – Scylla massageou as têmporas. – Você não vai nesse baile. Você vai focar exclusivamente em crescer aqui dentro. – Ela apontou para o coração da caçula. – Filha, eu te amo e não quero ver você afundar nesse sentimento mais do que já afundou. Você sabe a maldição que isso é.

- Eu sei, mãe... – Maia ficou irritada por Gaia não ir defende-la e pela irmã, mesmo tão abalada e magra, continuar sendo mais bonita do que ela. Mas aquele pensamento sobre a irmã que ela amava tanto, foi o impulso que precisava. Ela não queria continuar sentindo inveja de sua irmã e de sua amiga. Aquilo a sufocava. – Eu vou.

Scylla sentiu todos os pensamentos dela. – Graças à Kallisti. – Ela suspirou. – Faça todas as tarefas, todos os treinos que as sacerdotisas mandarem, filha.

- Mãe.... E se... Se eu não conseguir? Se não tiver mais jeito...

- Maia, sempre há um jeito para quem quer mudar, quem quer crescer. E eu sei que você pode vencer isso, filha. Você só precisa focar e deixar as sacerdotisas ajudarem. Eu fiz o que pude, querida, mas o fato de ser sua mãe às vezes pode atrapalhar porque eu sempre vou querer ver o melhor em você, nem sempre vou ter a frieza necessária para lidar com algo tão sério em minha filha. Mas eu tenho certeza que lá você vai superar isso.

Maia abraçou a mãe e sentiu a esperança de se livrar daquela inveja que a perseguia a tantos anos.

- Gaia.

- Ahn? – Gaia levantou os olhos e aceitou um bolo salgado do Tiger forte. – Obrigada, Amon, mas não estou com fome.

- Imagino. Mas é melhor comer. – Amon tirou gentilmente a costura das mãos dela e colocou arrumado sobre a mesa de centro. – Por favor?

Gaia mordeu o bolo e só então percebeu que realmente estava com fome. Em menos de dois minutos ela comeu tudo.

- Assim está melhor. – Os olhos dele brilharam de alegria.

- Querida, vamos? – Scylla chamou enquanto Maia caminhava para dentro. – Amon.

- Senhora. – Ele cumprimentou a sacerdotisa, meio sem graça.

- Obrigada pelo bolo. – Gaia disse e sua mãe olhou ocultando um sorriso. A horas ela tentava em vão fazer Gaia comer pelo menos um pouco. Scylla nem precisava ouvir os pensamentos do rapaz porque o olhar dele dizia tudo. Gaia deu um beijo na bochecha dele. – Você é um grande amigo, quase um irmão.

Scylla olhou chocada para a filha e depois com pena para o rapaz que parecia ter seu mundo destruído. *Não é possível! Quantos anos mais vai demorar pra essa tonta perceber o olhar bobo desse menino? Poderosa Kallisti, eu criei uma cega?!* Scylla resmungou mentalmente.

Amon ficou lá, parado, sufocado pelas palavras de Gaia que pareceram punhais em seu peito. No dia seguinte, Maia viajou para um templo dedicado aos anéis Anuin e às luas

de Likastía, no topo de uma colina, cercada por uma densa floresta. Uma viagem que levaria alguns dias já que Scylla não a enviou por um portal, pois a viagem pelas estradas pedregosas era parte do “tratamento” que Maia passaria. No mesmo dia, Lich chegou no palácio Tiger com uma mensagem para Gaia e outra para Aine.

No mar, perto de um deck antigo e abandonado, uma figura encurvada e mancando saiu de uma cabana velha, caindo aos pedaços e entrou na floresta carregando uma caixa de madeira escura, sumindo de vista.

~o ☆ o~

O projeto que eu criei era perfeito em suas imperfeições. Não perfeito porque não tinha defeitos. Mas perfeito porque cada um, com suas virtudes e defeitos, era único, apenas ele era ele. Cada um com seus erros, seus acertos, suas ambições, seus sonhos... Sempre amei quem conhece suas características e se orgulha delas assim como eu me orgulho de todos eles. Ah quem dera meu ajudante pensasse assim também...

CAPÍTULO 02

Houve um momento em que o projeto de uma raça inteligente ficou pronto. Não era a primeira que eu criava... Longe disso. Mas confesso que eu tinha um carinho especial por essa espécie nova. Faltava a chama de vida. Apenas isso. Mas essa não era a única fonte de vida possível. Era a única sensata, mas não a única...

~o ☆ o~

Aine e Gaia chegaram no reino leonino com Lich por um portal relativamente novo, instalado onde antes ficava uma área com uma banheira de águamassagem, destruída por Alart com uma marreta anos antes. A área de águamassagem agora ficava em um setor completamente do lado oposto do palácio, enquanto ali agora ficava um portal usado exclusivamente pelos trigêmeos quando queriam sair sem atrair atenção de qualquer outra pessoa no palácio.

- Acho essa parte do palácio tão linda. – Gaia suspirou. – Não sei porque o Rei e a Rainha nunca vêm aqui.

- Também não sei. Todo mundo muda de assunto quando a gente pergunta. – Aine respondeu, com um braço entrelaçado no da amiga.

Lich era o único da nova geração que conhecia o motivo de ninguém dentre seus pais e os amigos deles gostarem dali. Era por um motivo parecido que sua mãe nunca ia na propriedade dela no litoral Tiger e passou o ducado dali para Lich, o único que tinha algum interesse no local e governava ele com firmeza e impiedade aos nobres corruptos.

- Divirtam-se. – Lich disse, cumprimentou as duas elegantemente na porta da sala e saiu sem olhar para trás.

- Nunca vou entender ele. – Gaia sentia um pouco de medo de Lich, sempre tão calado, surgindo do nada como um fantasma, com aquele olhar que parecia ver a alma das pessoas.

- Lich é legal, só mais quieto. – Aine respondeu e se virou para cumprimenta Sunny.

- Tia. – Gaia abriu um sorriso ainda meio triste.

- Oi meus amores.. – Sunny deu um abraço nas duas e focou seu olhar em Gaia. – Querida... Sinto muito. Sei que já disse isso no velório, mas...

- Obrigada, tia. – Gaia respondeu, os olhos nublando com lágrimas teimosas.

Sunny puxou a menina para o sofá e a abraçou. – Tudo bem, linda da tia, deixa sair.

Aine ficou mais distante, dando privacidade para as duas, aliviada por que Sunny tinha uma ligação forte com sua amiga e era sua esperança para dar alguma paz à menina. Sorrateiramente, Aine saiu por outra porta e seguiu o caminho do qual se lembrava. Guardas espalhados pelo caminho cumprimentavam respeitosamente a princesa Tiger com um aceno de cabeça, para alguns Aine perguntava algo sobre sua família, pessoas que ela tinha ajudado em algum momento, sempre atenciosa com todos.

Essa era uma das coisas que mais incitavam a inveja de Maia. Aine sempre fora atenciosa com todos, sempre pronta para ajudar, sempre gentil e sorridente, respeitada e amada em ambos os reinos.

- Capitão Justino. – Aine cumprimentou o guarda na porta de saída para a ala dos escritórios. – Como vai sua tia? Ela conseguiu terminar aquele casaco de linho?

- Alteza. – O Capitão fez um sinal de respeito com o punho sobre o coração. – Sim. Ela agradeceu pelo conjunto de agulhas e o manequim que a senhorita enviou. Está cada vez melhor nisso.

- Fico feliz por ela. – Aine deu aquele sorriso encantador, típico dela. – Ele pode falar comigo agora? Se estiver ocupado, tudo bem. Eu volto depois.

- Sua alteza real está terminando uma reunião no mirante 3, mas vou verificar. – O Capitão soprou em um chifre de sapo de 4 centímetros pendurado em seu pescoço, enviando uma mensagem codificada para um de seus oficiais. Menos de 20 segundos depois, o objeto emitiu um som baixo e uma vibração sutil. O Capitão encostou o dedo indicador direito no objeto, sentindo a resposta que vibrou em sua mente como uma frase perfeitamente pronunciada. – Pode ir, alteza. O Oficial aqui a acompanhará.

Um leonino mais jovem e muito alto, mais do que os padrões de seu povo, se aproximou e aguardou.

- Oficial... – Aine disse em um cumprimento. – Qual é o seu nome?

O Oficial olhou meio confuso, pois não era costume nenhum nobre se dar ao trabalho de saber o nome dos guardas. Apenas alguns príncipes leoninos, como Alart e seus filhos faziam isso. O rapaz então se lembrou das histórias sobre Aine e relaxou.

- É Lester, alteza. – Ele respondeu.

- Bem, é um prazer, Lester. – Ela deu alguns passos e o Oficial a guiou até o mirante por mero respeito, não por necessidade, já que Aine conhecia bem o local. Quando ela se aproximou, viu alguns nobres e magos saindo com pilhas e mais pilhas de documentos nos braços, alguns com seus servos do lado carregando documentos também, todos saindo por outro caminho.

- Que surpresa magnífica. – Lucius sorriu educamente, embora seu olhar fosse muito mais alegres.

- Obrigada, Oficial Lester. – Aine disse, arquivando o nome do rapaz na sua lista mental interminável de nomes e rostos que nunca esquecia. – Oi, tri bravo.

- Oi, menina louca. – Lucius a abraçou e guiou para a cadeira. – Chá, suco ou algo mais forte?

- Suco. – Aine esticou os braços sobre a cabeça e bocejou.

- Aqui. – Ele entregou o copo para ela, puxou uma das cadeiras para seu lado e se sentou. – Sinto muito, princesinha. Eu e os caras ficamos presos aqui com toda aquela confusão do desabamento.

- Não se preocupe, Luc. – Aine tomou um grande gole de suco e colocou o copo na mesa. – Seus pais representaram bem vocês lá. Além do mais, as vítimas do desabamento

eram prioridade. Afinal, elas estão vivas e ainda dá pra ajudar de alguma forma. Meu avô não. Adoro vocês, mas, até onde eu sei, nenhum dos tri poderia trazer aquele velho bonitão de volta dos braços consoladores de Kallisti.

Lucius sempre fora o mais sensato e mais impaciente dos irmãos e admirava muito a praticidade e capacidade de sua amiga em colocar o bem-estar do Reino acima de qualquer coisa. Mas Aine tinha um truque que os tri conheciam bem. Quando ela não queria responder, ela não mentia, mas manipulava a verdade ou desviava a atenção dos outros para evitar responder.

- Você não me respondeu. – Lucius puxou as mãos dela, a forçando a olhar para ele e se arrependeu imediatamente. Naqueles olhos sempre luminosos, como se sorrissem o tempo todo, tinha uma expressão sutil, quase imperceptível de dor. – Como. Você. Está?

Aine nunca abaixava a cabeça. Sua mãe dizia que ela era mais orgulhosa do que todos os reis e rainhas Tigers da história juntos. Mas ela sentiu vontade de fazer isso agora. Qualquer coisa para desviar o olhar. – Eu estou aqui, não é? – Ela sorriu seu sorriso brilhante.

- O que não responde o que perguntei.

- LOUCAAAA! – Lesath gritou praticamente já no mirante, subindo os três degraus de uma única vez. Ele puxou uma das cadeiras, colocou colada na de Aine e sentou, puxando a amiga em um abraço. – Vamos sair e tomar todas para afogar a dor e lembrar do velhote como velho-novo-experiente que ele era.

Lucius deu um olhar rígido para o irmão, mas logo se acalmou ao perceber que a ideia era realmente boa. Aine aproveitou seu rosto quase sufocando na camisa do amigo para deixar uma lágrima sorrateira secar nela.

- Eu até topo, mas Gaia está muito pra baixo e não sei se ela vai querer ir. – Aine se afastou e deu um beijo no rosto de Lesath.

- Duvido que minha mãe deixe a garota sozinha, caso ela não queira ir. – Lesath comentou.

- Ah, muito bonito. – Lucius cruzou os braços e fechou a cara. – Esse nojento suado ganha um abraço E um beijo, mas eu, todo bonito, perfumado, penteado, lindo de morrer, só ganho um abraço.

- O bravinho tá com ciúúúme. – Lesath mostrou a língua, algo que ele aprendeu com Sven desde pequeno. – Não tenho culpa de ser o mais gostoso, tri velho.

- Você é só um mala sem alça. – Lucius começou brincando, mas daí para ficar realmente bravo era um sopro.

Aine deu um beijo estalado no rosto de Lucius para evitar a discussão entre os irmãos que, ela desconfiava, brigavam por esporte.

- Você sabe que vai ter que dar um beijo e um abraço no Lich também, não é? – Lucius sorriu. – Direitos iguais.

- Eu fiz isso mais cedo, ontem, hoje, ... – Aine deu um sorriso arteiro.

- PILANTRA! – Les gargalhou.

- MAS QUE FILHO DE UMA... – Lucius começou.

- Ei! A mãe dele é a nossa também, gênio! – Les deu um beliscão no braço do irmão, ativando o Lucius-Bravo que deu um tapa na mão dele. Aine deu alguns passos para o sofá mais distante, sentou com as pernas cruzadas e seu copo de suco em uma mão, já prevendo o que viria.

Les revidou com um tapa no ombro dele, Lucius deu outro na barriga dele e logo virou uma trocação de socos e chutes entre os dois. Com Lesath provocando o irmão com seu deboche e Lucius revidando rosnando, irritado.

- Chega. – A voz de Lich soou calma e estável antes que ele se materializasse na sombra de uma árvore no chão.

- AH! CACETE! – Les e Lucius gritaram ao mesmo tempo de susto e pararam lado a lado. Só Aine não se abalou.

- Um dia meu coração vai parar com esses sustos. – Lucius ofegou.

- Sem brigas. – Lich disse sem piscar, algo que dava arrepios em muita gente.

- Mas o Luc me provocou! – Les disse.

- Eu? Você, seu cara de madeira, veio me provocar! – Lucius gritou, seus olhos vermelhos de raiva.

- Eu não! Você que tudo fica bravinho. – Les disse.

- Mandei. Parar. – Lich disse e sua voz emanava uma autoridade tão forte que raramente alguém o contestava.

Os irmãos ficaram quietos, trocando olhares irritados, mas logo esquecendo suas desavenças, como sempre acontecia.

- A gente vai levar a Aine para beber todas. – Les disse.

- E Gaia? – Lich perguntou.

- Ela não vai mesmo... Melhor nem tentar. – Luc disse.

- Chamem ela. – Lich decretou com seu senso inabalável de justiça.

- Mas...

- Sem “mas”, Luc. Ela é uma visita em nosso reino, o reino que você vai governar em breve. É assim que você quer governar? Escolhendo a qual convidade estender sua hospitalidade?

Lucius fez cara feia, se sentindo um bobo. – Ta, ta. Eu chamo.

- Se quiserem, eu chamo. – Aine disse.

- Não, louquinha. – Les disse. – Luc é o futuro Rei, é meio que responsabilidade dele fazer os nossos convidados se sentirem em casa.

~o ☆ o~

Maia entrou no templo dos Anéis e das Luas que ficava no meio da estrada, um dos cinco no longo caminho até o templo que ela deveria ir. Apenas uma Sentinela e uma sacerdotisa novata acompanhavam a moça, afinal não havia guerra a gerações e Maia precisaria apenas de ajuda para evitar qualquer animal selvagem e se virar na estrada. O

templo era pequeno, austero, sem ornamentos coloridos, sem objetos caros, móveis confortáveis e simples. Este tinha apenas quatro quartos: um para a sacerdotisa chefe, dois para as quatro sacerdotisas e um para visitantes. Além disso existia um jardim com um labirinto circular (algo comum em todos os templos de Likastía), duas fontes com imagens de Kallisti e dos três personagens do mito dos Anéis e das Luas, um pequeno riacho, um refeitório com uma cozinha adjacente, duas áreas de banhos termais internos, uma área para lavar e estender roupas, um enorme oratório interno para dias de chuva e uma sala de visitas com os melhores móveis do templo. Em suma, era o mesmo design em todos os templos dos Aneis e das Luas, apenas o que Maia ficaria era maior por ser o centro desse culto. O caminho era uma preparação psicológia para o viajante enfrentar seus demônios interiores sem distrações, sem o luxo e conforto, dando uma espécie de choque inicial, obrigando o viajante a focar em si mesmo e não dar tanta importância à coisas superficiais.

Sendo filha da Grã-Sacerdotisa de Kallisti, uma mulher focada, prática e acostumada a sobreviver em diversos tipos de locais, Maia não dava tanta importância ao luxo. Ela gostava dele, era vaidosa, mas não era extremamente importante. No início ela estranhou a diferença na cama, na temperatura mais fria, a umidade, mas sabia que logo se acostumaria. Scylla sempre ensinou ela e sua irmã que saber se adaptar a tudo era essencial na vida. O que a incomodava mais era o silêncio do lado de fora de seu corpo porque isso fazia sua mente gritar as coisas que ela não queria ouvir, que tentava se livrar, ignorar até.

A princesinha deve estar em uma festa atraindo toda a atenção de todos... Eu preciso parar com isso. Não é da minha conta o que Aine está fazendo. Ela tentou bloquear esses pensamentos, mas, sem ruídos, sem conversas e risos no corredor, sem nada para distraí-la, não demorou para sua inveja voltar a dominar seus pensamentos. *Aposto que a perfeitinha não tem que viajar para perder algum defeito bobo. Claro que não. A bonitinha, a que todo mundo ama, a que estala os dedos e os caras se jogam nos pés, não tem defeitos. Eu sou muito mais bonita. Mas ela é a futura rainha. Só por isso ela atrai mais a atenção do que eu*.

Sem perceber, Maia dormiu um sono pesado, esgotada pelo longo dia de viagem.

Ela tem inveja de você. Foi ela quem disse pra sua mãe te mandar para longe porque ela não suporta ser a segunda em tudo. Ela sabe que você é mais bonita, mais forte, mais inteligente, mais adorada... Ela tem inveja.

Maia acordou sobressaltada, como corpo pesado, dormente, tamanha foi a profundidade de seu sono. Seu ouvido zumbia um pouco, mas logo ela se recuperou, sentou na cama de pedra com um colchão fino de folhas e palhas, pegou um copo com água no chão e virou todo de uma vez na garganta. Pela manhã, ela e suas duas companheiras de viagem comeram no refeitório deserto e saíram. A sacerdotisa que acompanhava Maia comentou que as sacerdotisas do templo não se aproximariam dos visitantes naquele dia porque estavam em preparação para um ritual naquela noite e não podiam falar com ninguém.

Maia se lembrou de alguns ritos desse culto que exigiam esse tipo de purificação de contato externo e saiu, agradecendo mentalmente pela acolhida das mulheres do templo. Elas viajaram o dia todo, parando rapidamente para comer e de noite montando um acampamento. Maia se deitou abraçada com a sacerdotisa para manter o calor de seus corpos, enquanto a Sentinela montava guarda por metade da noite, trocando de lugar mais tarde com a sacerdotisa. Não acostumada com aquelas horas de viagem cansativa, Maia dormiu quase imediatente.

Eu podia ser uma princesa também.

Sim, você deveria ser. É tão melhor do que ela.

Eu...não sei. Talvez, eu não seja melhor....

Bobagem. Você é melhor do que a princesinha e até do que aquela sua irmã que nunca te dá nada.

Gaia...é minha amiga. Mas... Ela pensa que é mais bonita do que eu...

Sim, ela tem certeza. Você acha mesmo que ela e Aine não riem de você pelas costas?

Elas riem?

Claro que sim. Elas sabem que você é melhor em tudo, mas zombam de você por inveja.

Elas nunca serão melhores do que eu.

Nunca.

Maia acordou no raiar do sol por trás dos Anéis Anuin, com o corpo pesado, toda dolorida. Então parte das coisas que ela sonhou vieram como fragmentos desconexos em sua mente. A Sentinela lhe entregou uma caneca de sopa de carne simples, perguntou como ela estava, se queria alguma ajuda, deixando Maia confortada e irritada ao mesmo tempo. Aquilo a alertou e ela procurou a sacerdotisa.

- Cassiopeia?

- Maia. Dormiu bem? – Cassiopeia sorriu.

- Não tenho certeza. Podemos...conversar?

- Claro, sente-se e me conte o que a incomoda.

- Bem...não sei se minha mãe contou...

- Sim. Eu sei porque você vai para a purificação. – Cassi disse. – Não me olhe assim, Maia. Eu preciso saber para te apoiar na viagem. É para isso que uma sacerdotisa sempre acompanha o viajante em seu caminho. Sou uma amiga com conhecimentos úteis e gostaria que me visse assim.

Maia se sentiu humilhada por sua mãe ter contado, mesmo que fosse algo necessário, mas a sacerdotisa realmente não agira esse tempo todo como uma babá ou uma chata controladora que estava cuidando de uma invejosa nojenta. Não. Ela a tratara como uma amiga e, diferente de Gaia e Aine que não conheciam seu problema, Cassi conhecia e poderia ajudar, ela podia desabafar. E foi o que ela fez. Maia contou tudo que a incomodava, contou sobre os anos lutando contra isso e se sentindo como se batesse o tempo todo contra uma parede intransponível, nunca vencendo o problema. Contou sobre

os incômodos no caminho e o sonho desconexo. Em momento nenhum Cassi interrompeu ou avisou que elas precisavam se levantar e seguir viagem. Cassi deixou Maia desabafar por mais de uma hora, pacientemente, mantendo a Sentinela à distância com um olhar que a outra mulher entendeu e respeitou.

- Eu entendo sua preocupação e você está certa em se preocupar. – Cassi entregou um pouco d'água para a moça. – Mas isso é normal. Você é uma viajante e os primeiros passos do caminho são sempre intensos como se você lutasse com você mesma. E, de certa forma, é isso mesmo.

- Então eu vou continuar tendo esses incômodos?

- É possível. Não dá para saber como sua mente vai reagir. Mas me procure sempre. Desabafar é um ótimo remédio.

Maia então percebeu que ela realmente se sentia muito mais leve, leve como não se sentia a anos... Ela nem lembrava da última vez que se sentira tão ela mesma. – Sim. Prometo que te procuro. Obrigada, Cassiopeia.

- Cassi. Apenas Cassi. – Cassiopeia-Apenas-Cassi respondeu com um sorriso. Quando Maia saiu para pegar sua mochila e seguir viagem, Cassi se levantou, pegou seus poucos pertences e entregou a água e uma sacola de couro com frutas para a Sentinela. A Sentinela foi até um riacho próximo, lavou a nuca e o rosto, cavou um buraco de dois palmos no chão, colocou a água dentro, enterrou e encheu a garrafa de novo no riacho com água fresca. O trio seguiu viagem em um ritmo mais rápido para conseguir alcançar o próximo templo e evitar dormir na floresta de novo.

~o ☆ o~

Existem dois tipos de fontes de vida. A fonte de fogo e a fonte ácida. A primeira é estável, dura muito, não destrói o hospedeiro. A segunda pode não destruir, mas pode destruir; é instável, não é confiável e exige muito da alma do hospedeiro que jamais está satisfeito. Eu amo minhas criações, nunca arriscaria suas almas. E não arrisquei.

Thank You for previewing this eBook

You can read the full version of this eBook in different formats:

- HTML (Free /Available to everyone)
- PDF / TXT (Available to V.I.P. members. Free Standard members can access up to 5 PDF/TXT eBooks per month each month)
- Epub & Mobipocket (Exclusive to V.I.P. members)

To download this full book, simply select the format you desire below

Free-Ebooks.net